



OJS
OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

REVISTA
ENSINO DE GEOGRAFIA (RECIFE)
Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP)
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia>

PKS
PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

CALLAI, HELENA COPETTI. A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA GEOGRAFIA. IJUÍ, RS: EDITORA UNIJUÍ, 1999

Fredson Pereira da Silva¹, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1363-948X>
Raimunda Áurea Dias de Sousa², ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4646-4500>

¹ Universidade Estadual do Ceará - UECE*

² Universidade de Pernambuco - UPE**

Artigo recebido em 06/04/2022 e aceito em 20/07/2022

RESUMO

O livro foi apresentado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros- Seção Porto Alegre (AGB-PA), na qual a autora traz algumas discussões em relação ao ensinar-aprender-ler Geografia. Em que destaca como ela diz uma temida da distância teoria-prática, em seguida provoca o leitor em relações a suas ideias semeando perguntas, dúvidas, saudáveis aos companheiros de ensino, em outro momento traz uma discussão em afinidade a prática profissional, levando ao leitor a pensar como de fato essa prática tem sido exercida. Será de que forma essas aulas têm sido ministradas? Será que apenas o professor dá conteúdo? Esses são alguns questionamentos da autora.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Formação de professores; Interdisciplinaridade.

CALLAI, HELENA COPETTI. THE FORMATION OF THE PROFESSIONAL IN GEOGRAPHY. IJUÍ, RS: UNIJUÍ PUBLISHING HOUSE, 1999

ABSTRACT

The book was presented by the Brazilian Geographers Association - Porto Alegre Section (AGB-PA), in which the author brings some discussions in relation to teaching-learning-teaching Geography. In which she highlights the feared distance between theory and practice, and then provokes the reader about her ideas, sowing questions, doubts, and healthiness to fellow teachers. In another moment, she brings a discussion related to professional practice, leading the reader to think about how, in fact, this practice has been exercised. How have these classes been taught? Is it only the teacher who gives the content? These are some of the author's questions.

Keywords: Geography Teaching; Teacher Training; Interdisciplinarity.

* Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: fredsonsilvap@gmail.com

** Doutora em Geografia. Docente Associada, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPP) e ao Colegiado de Geografia Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, Brasil. E-mail: aurea.souza@upe.br

CALLAI, HELENA COPETTI. LA FORMACIÓN DEL PROFESIONAL DE LA GEOGRAFÍA. IJUÍ, RS: EDITORA UNIJUÍ, 1999

RESUMEN

El libro fue presentado por la Asociación Brasileña de Geógrafos - Sección Porto Alegre (AGB-PA), en el cual el autor trae algunas discusiones en relación a la enseñanza-aprendizaje-enseñanza de la Geografía. Pone de manifiesto la distancia entre la teoría y la práctica, y a continuación provoca al lector sobre sus ideas, sembrando preguntas, dudas, y compañeros sanos de enseñanza. En otro momento, trae una discusión relacionada con la práctica profesional, llevando al lector a pensar en cómo, de hecho, se ha ejercido esta práctica. ¿Cómo se han impartido estas clases? ¿Es sólo el profesor quien da el contenido? Estas son algunas de las preguntas del autor.

Palabras clave: Enseñanza de la geografía; formación del profesorado; interdisciplinariedad.

CALLAI, Helena Copetti. A formação do profissional da Geografia. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 1999.

O livro foi apresentando pela Associação dos Geógrafos Brasileiros- Seção Porto Alegre (AGB-PA), na qual a autora traz algumas discussões em relação ao ensinar-aprender-lecionar Geografia. Em que destaca como ela diz uma temida da distância teoria-prática, em seguida provoca o leitor em relações a suas ideias semeando perguntas, dúvidas, saudáveis aos companheiros de ensino, em outro momento traz uma discussão em afinidade a prática profissional, levando ao leitor a pensar como de fato essa prática tem sido exercida. Será de que forma essas aulas têm sido ministradas? Será que apenas o professor da conteúdo? Esses são alguns questionamentos da autora.

Na introdução do livro a autora relata a necessidade de ensinar a Geografia, pois esta ciência presente na vida das pessoas e o profissional da geografia precisar está atrelado às transformações e os avanços no conhecimento geográfico para responder as necessidades do cotidiano. Dessa maneira a Geografia possibilitara a sociedade explicações do seu território e seus movimentos.

O primeiro texto A Dimensão Pedagógica na Formação do Geógrafo foi escrito por solicitação da AGB, seção nacional, para o XI Encontro Nacional de geógrafos, realizado em Vitória da Conquista (Bahia) em 1998. Na qual a autora traz uma discussão como a formação do geógrafo acontece e a postura que ele teve ter em reação as mudanças que aconteceram na década de 1990, quando esses textos foram escritos e como isso repetiu nos dias de hoje.

Sendo que na formação desses profissionais precisa-se compreender a realidade, por um olhar espacial nesse processo de formação, tendo um desenvolvimento para incorporar diversas situações no seu cotidiano e unir o tradicional com o novo e através de sua criatividade possibilitando uma produção do saber, percebendo ele que o espaço é o objeto de estudo principal para dar conta de interpretado, pois o espaço é o resultado do trabalho do homem.

Dessa maneira, esse profissional precisa perceber a importância de duas perspectivas para formação pedagógica que não podem ser deixadas de lado: a função técnica e a função social, na qual sua utilização é imprescindível para esse trabalho, utilizando a teoria que é aprendida na sua formação e a prática no exercício dessas atividades.

Como a autora cita do seu texto (p. 19) “que não se deve formar um profissional fechado que se sente auto-suficiente, mas um homem de competência comunicativa”. O que estava acontecendo nos dias de hoje são profissionais que ficam no seu mundo egocêntrico pensando que não precisam da ajuda do outro para formação dos alunos não se preocupando com esta aprendizagem participativa, pois esse profissional possui uma função social dada pela dimensão pedagógica utilizando o teórico para saber operar o método e assim dominando também conceitos básicos que iram lhe auxiliar no seu fazer profissional.

Sendo assim, essa preocupação não deve ser apenas do sujeito, mas também da instituição que está formando ele, para que não aconteça um ensino autoritário, superando uma visão da descrição apenas das coisas e não conhecer apenas o seu conteúdo, que é sua obrigação, no entanto instrumentalizar o estudante para utilizar essas ferramentas na compreensão do sentido social. Assim não é mais tempo de repetir as coisas colocando para se decorar conteúdos, mas influenciando em um pensamento que possa operacionalizar esses conteúdos para sua realidade em sociedade, ir além das aparências e buscar explicações na compreensão dos fenômenos, que esse profissional possa conhecer afundo o que está ensinado e o técnico entenda como lidar com as pessoas e possa compreender a dinâmica das questões sociais.

Portanto, é necessário que esse profissional saiba construir um método de trabalho para não encher os alunos de informações, pois o papel da escola mudou e é necessário possibilitar os alunos responderem questões que a sociedade faz hoje, para que o ensino fique mais significativo.

Prosseguido assim, o segundo texto faz parte das discussões na tese de Doutorado e foi apresentado no Boletim Gaúcho de Geografia nº20 1995, na qual mostra A Formação do Professor de Geografia, seguindo ainda uma lógica que foi discutida no texto anterior sobre a formação do geógrafo

à autora diz que o profissional da Geografia primeiramente possui uma habilitação formal que é quando está no seu curso de formação, já a segunda é a formação num processo que ele deve pensar e teorizar a sua prática, pois é necessário está sempre repensando como esta seu exercício docente porque “contribuir na formação de cidadãos requer condições que sejam exercidas a própria cidadania” (p. 31).

Nessa formação é necessário se preocupar com a estrutura curricular, os conteúdos as disciplinas e a metodologia de sala de aula para não formar profissionais despreparados o que acontecia há tempos atrás com licenciaturas curtas como diz a autora, mas as universidades novas propõem cursos de geografia plena ou bacharelado ou vice-versa tendo essa preocupação de formar o profissional de Geografia, devido essa formação alguns profissionais que saem dessas instituições possuem dificuldades de “encarar a dinâmica da sala de aula, ou outro com conteúdos exigidos” (p. 33), essas dificuldades são colocadas e como justificativas são as requisições dos programas, dessa maneira os profissionais recorrem ao livro didático apenas sendo considerado um suporte para autoridade do que esta fazendo, dessa maneira a aprendizagem dos alunos fica fragmentada por ensinar por ensinar, mas o papel do profissional de Geografia não é esse no entanto, consiste em facilitar a aprendizagem e problematizar o conteúdo para que o aluno possa resolver para que não exista dificuldade de aprendizagem nas aulas de Geografia, como alunos que dizem que não gostam de geografia por conta de “conteúdos difíceis e não entra na suas cabeças”.

Contudo, a formação do profissional deve ser continuada para que ele possa sempre está avaliando seu trabalho numa análise crítica da sua prática em sala de aula, para que os alunos não fiquem angustiados com as atividades em sala de aula, nessa perspectiva o professor deve contextualizar as discussões entre a universidade com ensino básico, desses conteúdos facilitando o ensino-aprendizagem, “e a universidade busquem dinamizar com os professores de ensino básico teorizar a sua prática tanto conteúdos específicos e aspectos pedagógicos” (p. 35).

E assim buscar uma renovação para o ensino na sala de aula todos pensando em conjunto para um trabalho ser desenvolvido com sucesso, e os professores universitários possa dar condições para os alunos refletirem suas informações para uma construção de sua aprendizagem e possa construir constantemente na sua cidadania.

Em seguida a autora mostra o terceiro texto escrito em 1998 para discussão interna do Departamento de Ciências Sociais (DCS) da UNIJUÍ, O Geógrafo e a Geografia que começa discorrendo que o profissional deve dar conta de “analisar o espaço para que consiga ampliar sua visão sobre a

totalidade do mundo de vida” (p. 39), para que possa ficar habilitado em entender as formas que o espaço é construído de um modo ou de outro, devido à fragmentação do saber nos cursos de graduação.

Por conta do desenvolvimento tecnológico que para a sociedade é benéfica conduz a uma nova condição de vida, de outro traz a exclusão com utilização de instrumentos técnicos que alteram a metodologia que alguns profissionais não dominam essas técnicas e não conseguem ensinar aos alunos deixando essas deficiências no ensino, sabemos que é necessário melhora o trabalho na cartografia no geoprocessamento, no entanto a autora Helena Callai cita Milton Santos quando ele diz “que a técnica está invadindo a geografia e tomando um rumo onde a interpretação é obrigatória sem ser discutida essa maneira” (p. 41), não buscando entende o propósito dessas técnicas criando assim problemas. Não desconsiderando sua utilidade, mas colocando-a no seu lugar, pois a sociedade necessita de profissionais que pensem para dar respostas rápidas além desses criar mecanismos que serão utilizados.

Entretanto a educação no Brasil como em outros países da América do Sul vem passando por transformações curriculares devido à utilização da técnica correndo o risco de perde o marco epistemológico da Geografia que está presente no dia-a-dia na prática, por isso encontros está sendo organizados para discutir e alertar estes problemas que se mostra “maquiando” uma geografia tradicional que não consegue analisar o espaço dividindo a realidade, aos pedaços sem entendê-la. Por isso é necessário promover discussões em relação à Geografia para buscar soluções pra compreensão do espaço e sua totalidade para solucionar as desigualdades sociais.

Em relação a isso, a autora ainda cita um artigo do Jornal da AGB/RS (ano 2, nº3, Nov. 1997) de Suertegaray “ Mercado de Trabalho e Currículo em Geografia” (p. 45), que visualiza hoje nas universidades uma formação profissional tecnicista, ligada ao modelo neo-liberal no casa da Geografia tentando reduzir a formação profissional ao domínio da técnica. Sendo uma negação como diz Suertegary na capacidade reflexiva e crítica na prática do geógrafo, que muitos profissionais ou futuros profissionais aderiram apenas às formas físicas via novas tecnologias, que veste roupagem nova que “nem tudo o que é novo é novo e nem tudo o que é novo é novo de novo”, que acreditava ser que tinham sido superadas essas formas. Pois que geógrafos estão querendo formar? É necessário pensar na realidade que existe hoje, ir além de treinar o aluno para que ele seja capaz de utilizar instrumentos teóricos e saber empregar métodos adequados, contribuindo para que ele construa seus conhecimentos no cotidiano de sua realidade, articulando teoria e prática nas análises territoriais e que possa trabalhar conceitos básicos, entendendo a sociedade e o espaço como resultado do meio de sobrevivência do homem.

Em seguida, o quarto texto escrito no segundo semestre de 1995, depois de realizadas as pesquisas e discussões com alunos do curso de Geografia-Licenciatura na UNIJUÍ. O Ensino da Geografia na Escola e a Formação dos Professores, a autora nos traz algumas considerações como diz ela um diagnóstico dos alunos de Geografia e do seu processo de formação.

A analogia da autora mostra que, os alunos quando chegam à universidade com uma ideia que a Geografia se limita apenas a descrição da superfície terrestre, que ao longo do curso essa percepção é mudada. Em seguida faz algumas perguntas em relação ao curso escolhido. Como o que é Geografia? O entendimento que se tem de Geografia e se a Geografia ensinada na escola tem mesmo significado? Qual é o principal objetivo para o ensino de Geografia? Como acham que deve ser o ensino de Geografia?

Dessa maneira, esses são alguns dos questionamentos que a autora faz aos alunos que estão iniciando o curso e os que estão em períodos avançados, percebe-se que os alunos apenas consideram a Geografia como ciência que descreve a terra na sua forma física, mas de uma dessas perguntas apenas um dos alunos disse “que a Geografia estudava espaço físico e mundo político” (p. 55), já os mais adiantados responderam fazendo a relação sociedade/natureza, onde se apresentam grupos que se identificam com as disciplinas físicas e outros com disciplinas humanas nesse contexto de 1994 os alunos traziam ainda aspectos do ensino médio o que não é diferente dos dias de hoje, alunos que não veem sentido nas aulas de Geografia dizem que são assuntos chatos, por conta de profissionais não darem sentido a disciplina que ensinam no ensino básico esses alunos chegam a universidade dessa maneira.

Em seguida, quando estão em outros períodos do curso mostram que evoluíram e deixaram de ver a Geografia como “descritora da paisagem e números” (p. 56), os alunos mostram que na escola geralmente é ensinado Geografia física, deixando de lado as questões sociais, mas é necessário mudar essa concepção para que quando o aluno chegar ao ensino superior possa discutir e criticar o que está sendo lhe apresentado. E podemos perceber ainda numa das respostas dos alunos com relação ao objeto de estudo da Geografia “conhecer melhor como nossa galáxia se desenvolve e irá desenvolver-se, o que devemos fazer para manter e conhecer a beleza e reconhecer o mundo geográfico com suas diferenças” (p. 57), mas na verdade o objeto de estudo da Geografia é outro o espaço geográfico onde existe a relação entre sociedade/natureza. O que podemos pensar é que na escola um dos maiores problemas é a “falta de interesse professores na sua profissão” que leva os alunos a pensarem dessa maneira, desse jeito os alunos de licenciatura querem ser preparados para dar aula, nas suas declarações relata que existe um distanciamento entre o ensino básico e o superior dos conteúdos geográficos e que no ensino de terceiro grau possam estar habilitados para essas aulas.

Porém, existem ainda aqueles que desejam que o ensino de Geografia seja diferenciado, com a interação dos aspectos físicos e humanos para que possa habilitar ao aluno forma o seu pensamento e incentivar as pesquisas. Lembrando ainda que há aqueles que escolhem o curso de Geografia porque fizeram um curso anterior relacionado a Geografia outros cursos técnicos, científicos e até mesmo alunos-trabalhadores que para melhorarem de vida ou aperfeiçoar seus conhecimentos aderem a Geografia, feito esta pesquisa a autora pode identificar como está sendo ministrado o ensino de Geografia nas escolas, e até mesmo isso repercute na atualidade no qual o ensino tem perdido sentido para alguns que entram nos cursos de licenciaturas no caso o de Geografia, por não ter conseguido ser aprovados em outros cursos optam pela Geografia para conseguirem também um diploma de ensino superior para fazer concurso, mas não dão conta da sua formação como professor.

Para finalizar, no quinto texto *Para Além das Disciplinas*, escrito a partir das discussões sobre diretrizes curriculares (UNIJUÍ, 1998), a autora faz uma análise no último semestre do bacharelado de Geografia na UNIJUÍ, nas disciplinas de Geografia e Pesquisa (a I e a II), onde o aluno desenvolve um projeto de pesquisa com “orientações de seu professor, possibilitando ao aluno metodologias diferentes para se quebrar posturas tradicionais” (p. 70).

A Geografia e Pesquisa I devem possibilitar ao aluno desenvolver seu projeto de pesquisa, abordando questões específicas de Geografia, já a Geografia e Pesquisa II cursada no próximo semestre continuam as proposições do trabalho, fazendo as discussões, realizando a operacionalização e elaboração do relatório final. Para que eles possam buscar suas próprias análises, na construção de suas respostas sendo assim a sala de aula vira um campo de pesquisa de aprendizagem na qual cada um por si próprio conseguira avançar, “não esquecendo que o professor é o facilitador da busca de resposta, o instrutor na escolha dos instrumentos nas análises das interpretações” (p. 73), neste conjunto o professor oferece a autonomia ao aluno para criar sua aprendizagem e não apenas aprender conteúdos, pois os avanços ocorridos na sociedade precisam de alunos que pensam e aprendam realmente e não apenas passar o conteúdo.

Dessa maneira, uma possibilidade é trabalhar os conceitos para se saber o senso comum dos alunos, para que a partir disso possa trabalhar os conceitos científicos produzindo uma aprendizagem concreta a partir da realidade do aluno. Assim podemos ser capazes de operacionalizar formas para realizar a aprendizagem, através de alternativas novas como a contextualização que pode ser feita em sala de aula para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Portanto, é possível ir além das disciplinas formando profissionais que sejam capazes de articular e pensar de acordo com as exigências da sociedade atual, indo além de ensinar/transmitir conteúdos, “formando um profissional capaz de enfrentar situações desafiadoras que rapidamente põe problemas urgentes” (p. 78), que através da pesquisa participativa e continuada do professor e aluno por meio de estudos e discussões pode encontrar formas para solucionar os problemas, e possibilitando a formação de profissionais competentes. Que através do nosso esforço podemos ser criativos, indo buscar e conhecer na nossa realidade local, particular como diz a autora, e a partir disso, novas formas pedagógicas poderemos entender as relações sociais.

REFERÊNCIA

CALLAI, H. C. **A formação do profissional da Geografia**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 1999.